

# ATITUDES LINGÜÍSTICAS FRENTE ÀS GÍRIAS: O PRECONCEITO

*Luciene Maria Patriota*

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG  
Rua Aprígio Velloso, Bodocongó – Campina Grande – PB  
E-mail: ene.patriota@yahoo.com.br

**Resumo-** Uma vez que as gírias estão presentes em todas as camadas sociais, sendo usadas por falantes de todas as faixas-etárias, este artigo objetiva analisar as atitudes de professores do ensino básico frente às gírias. Para isso, foram analisados 20 professores de disciplinas variadas de uma escola privada de Campina Grande. Os resultados mostraram que o preconceito é a principal atitude dos professores no que se refere às gírias, levando-os a proceder frente a elas no sentido de eliminá-las.

**Palavras-chave:** atitude, gíria, sala de aula

**Área do Conhecimento:** Linguística

## Introdução

O referente artigo é um recorte da dissertação de mestrado intitulada “Uso e aceitação/rejeição das gírias por professores do ensino básico”, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino da UFCG – Campina Grande – PB, no período de 2004 a 2006.

É de longa data a relação existente entre língua e sociedade. Ambas estão de tal forma imbricadas que é praticamente impossível imaginá-las separadas uma da outra. É através de sua língua que o homem faz sua história acontecer, revela seu presente, se faz lembrar e projeta seu futuro. Em todos os seus momentos, de vitórias ou derrota, de dúvidas ou convicções, a sua linguagem se faz presente, criando sua história, tornando possível sua sociabilidade.

Diante de tal complexidade, se faz necessária uma abordagem da linguagem, por parte da escola, que explore toda essa riqueza expressiva, numa prática que não conceba a língua apenas como código fechado, homogêneo, sem nenhuma influência externa, numa perspectiva purista da língua.

Por representar um vocábulo presente nas mais diversas situações comunicativas, envolvendo pessoas de variadas faixas-etárias, a gíria, hoje, representa um uso que não pode estar de fora dos estudos envolvendo a linguagem e sala de aula. Diante disso e reconhecendo a importância deste vocábulo, este artigo vai identificar as atitudes de professores do ensino fundamental II e médio frente às gírias, embasado em autores como: ALKMIM, 2001, BAGNO, 1999, CALVET, 2002, PESSOA, 1989, PRETI, 2004, 2000 e TRAVAGLIA, 1997, entre outros.

## Materiais e Métodos

Este estudo é de natureza descritivo-analítica com abordagem qualitativa, uma vez que a pesquisa descritiva é aquela que tem seu

interesse voltado a descobrir, observar fenômenos, procurando descrevê-los através de interpretações. Também se enquadra nesse tipo de pesquisa aquelas que apresentam como objetivo levantar opiniões, atitudes e crenças de uma determinada população sobre um tema-alvo.

A escola escolhida para esse estudo foi uma instituição da rede privada da cidade de Campina Grande – PB e foram selecionados vinte professores da mesma, 07 do sexo masculino e 13 do feminino, de disciplinas variadas. Destes, 12 atuam no ensino fundamental II e 08 no ensino médio. A faixa etária destes sujeitos variou de 25 a 45 anos e a formação acadêmica apresentou professores com graduação, graduação em curso e pós-graduação (lato-sensu).

No processo de coleta de dados foram utilizados três procedimentos: observação das aulas dos professores por um período de 04 meses (agosto a dezembro de 2004). Entrevista semi-estrutura com todos os professores e entrevistas com alguns alunos destes professores.

## Resultados

Os resultados da pesquisa revelaram o preconceito como sendo a atitude principal dos professores frente às gírias e foram agrupados em três aspectos distintos: o social, o religioso e o lingüístico.

No aspecto social, observou-se preconceitos como: o uso da gíria mancha a imagem/ é marginal, causa má impressão, exclui o falante, é feio, é pobre. Um uso, enfim, a ser eliminado, pois depõe negativamente contra o falante, como ilustra o exemplo seguinte, trecho da entrevista realizada com o professor de Geografia do Ensino Fundamental II:

Ex. 01

PE: você usa gíria em sala? em que momentos? se não usa, explique as razões.

P: não... eu não eu não uso porque assim... veja bem num sei nem se estou sendo preconceituoso... às vezes eu também começo a me pegar assim eu me pego me pensando e acho que acabo sendo preconceituoso... mas há uma tendência de modo geral e que...você não deve falar gírias até porque elas não caem muito bem... não são bem vistas pelos pais dos alunos... e aí se os alunos chegam comentando em casa que tá falando gírias... isso profissionalmente pra você num vai sê muito bom... então infelizmente eu tenho que enquadrar dentro daqueles aspectos que os pais no mínimo eles querem... porque os pais eles prezam mais por uma linguagem formal... assim evitar o máximo possível as gírias porque elas num são bem vistas né?

(EN, P5, EF, Geografia)

O segundo aspecto revelador do preconceito foi o religioso, ou seja, usar gíria não condiz com a qualidade de cristão do falante. Como escola relaciona-se à formação, inclui-se aí também a formação religiosa, daí a necessidade de eliminação da gíria, uma vez que a mesma relaciona-se à marginalidade, a usos mal vistos pela sociedade, como se pode observar na resposta do professor de Português do Ensino Fundamental II:

EX. 02:

PE: como você reage quando um aluno faz uso de gírias em sala? e fora dela?

P: /.../ eu eu costumo... às vezes eu sô vigilante nisso aí... eu não sei se a postura que a gente tem assim tipo que você tá à frente de de um serviço pastoral né? então a gente que tem que levar a religião a sério... que leva Deus a sério... tem coisas que a gente tem que bloquear mesmo

PE: e nesse caso é a gíria que vai sê bloqueada?

P: é

(EN, P4, EF, Português)

O terceiro e último aspecto analisado foi o lingüístico. Um preconceito marcadamente presente nas falas dos professores, diz respeito à questão da visão dicotômica fala x escrita. Ao serem questionados acerca do uso de gírias nas duas modalidades, ficou explícita a divisão mostrada pelas falas entre as duas, sendo a fala o lugar no qual até se admite o uso de gírias e a escrita o que “exige” uma formalidade padronizada, homogênea, herança de toda uma tradição perpassada século após século e que instituiu texto como sendo apenas o escrito. É o que mostra a fala seguinte, resposta do professor de Física de Ensino Médio, em sua entrevista:

EX. 03

PE: o que você acha do uso da gíria na fala e na escrita?

P: /.../ tem os momentos pra você usar gíria ou não... eu mesmo falo gíria... todos falamos né?

PE: e no texto escrito? pode haver gíria?

P: /.../ no texto escrito não... é porque na na minha visão é assim porque a própria sociedade já é já inseriu no contexto da vida da gente essa coesão de esse domínio... no escrito a gente não pode escrever de todo jeito né? então eu tenho essa idéia porque eu já aprendi isso há muito tempo...

(EN, P17, EM, Física)

### Discussão

A análise dos resultados revela que as atitudes lingüísticas – e os preconceitos oriundos delas – são voltados não para aspectos relacionados à língua propriamente dita, mas a aspectos social e culturalmente instituídos pela sociedade através da tradição. Como gíria sempre foi – e ainda é – relacionada ao aspecto marginal da sociedade, usá-la, segundo essa sociedade é falar mal contra si próprio. Ou seja, são atitudes que se voltam para os falantes e não para a língua.

Importante ressaltar também, que, ao se falar em atitudes, seja de preconceito ou qualquer outra, deve-se ficar esclarecido que elas não existem no vazio, mas são fruto de um conjunto de fatores: a tradição, o papel que se assume na sociedade, o que se exige do profissional numa dada instituição – principalmente no caso do professor – as convicções próprias e pessoais sobre dado tema.

Enfim, há uma cadeia de influências que geram atitudes e, no caso da língua, a principal é

a força da tradição, que instituiu um uso lingüístico como sendo o que garante aceitação na sociedade e os demais usos como deturpação deste padrão almejado, como revelaram as atitudes dos professores analisados.

### Conclusão

A realidade da sala de aula pode ser vista como um imenso paradoxo. Ela é uma rotina padronizada, composta de fatos rotineiros e que segue padrões social e culturalmente instituídos. Mas é também um ambiente vivo, dinâmico, efervescente, heterogêneo, enfim, que deve, por isso, abrir-se para a diversidade.

Porém, o que se percebeu através dos exemplos analisados é que ainda predomina na escola – aqui representada pelos professores analisados – o preconceito frente às gírias, tidas como um uso que estigmatiza o falante e que deve ser evitada.

No entanto, longe de propor um desligamento/descompromisso com a norma padrão – que, certamente, continuará sendo o papel da escola transmitir – o uso das gírias em sala pode se revelar um caminho possível para a entrada e o trabalho com a heterogeneidade lingüística na escola, hoje um dos temas mais debatidos nos estudos da lingüística moderna.

Sem essa mudança de foco, o que certamente acontecerá é a contínua propagação de preconceitos dentro da escola. A gíria, com isso, permanecendo em seu lugar de marginalidade e exclusão.

### Referências

- ALKMIM, Tania. & CAMACHO, Roberto. G. Sociolingüística. In: MUSSALIN, F & BENTES, A. C. *Introdução à lingüística – domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001, v.1, p. 21-75.
- BAGNO, Marcos *Preconceito Lingüístico- o que é, como se faz?* São Paulo: Loyola, 1999.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística – uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- IANNI, O. Língua e Sociedade. In: VALENTE, A. (org.). *Aulas de Português: perspectivas inovadoras*. Petrópolis: Vozes, 1999, p.11-44.
- PESSOA, M. de B. *Atitudes lingüísticas de professoras da área de língua portuguesa em escolas públicas na região metropolitana do Recife*. Dissertação de Mestrado, UFPE, 1989.
- PRETI, Dino. O vocabulário oral popular: a gíria. In: PRETI, Dino. *Estudos de Língua Oral e Escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 65-113.
- \_\_\_\_\_. A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, 2000, p. 241-257.

\_\_\_\_\_. A gíria na sociedade contemporânea. In: VALENTE, A. C. (org.) *Língua, lingüística e literatura: uma integração para o ensino*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998, p. 119-127.

\_\_\_\_\_. Dino. O vocabulário oral popular: a gíria. In: PRETI, Dino. *Estudos de Língua Oral e Escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 65-113.

\_\_\_\_\_. A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, 2000, p. 241-257.

\_\_\_\_\_. A gíria na sociedade contemporânea. In: VALENTE, A. C. (org.) *Língua, lingüística e literatura: uma integração para o ensino*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998, p. 119-127.

TRAVAGLIA, L.C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1997.